



ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE HANSENÍASE NO ESTADO DO MATO GROSSO

LAURA ZANETTI; LUCIANA DE FREITAS BICA

RESUMO

A hanseníase é uma doença infecciosa causada pelo *mycobacterium leprae*, que causa manifestações clínicas restritas à pele, ao sistema nervoso periférico, ao trato respiratório superior, aos olhos e aos testículos. A transmissão ocorre por meio de gotículas da saliva eliminadas na fala, tosse e espirro. No Brasil, a distribuição da hanseníase é heterogênea, sendo as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste as com maiores prevalências. **Objetivos:** analisar os casos de hanseníase no Estado do Mato grosso nos anos de 2018 a 2022 e entender sua epidemiologia. **Métodos:** trata-se de um estudo epidemiológico que utilizou a base de dados DataSUS para busca dos casos da doença, além de fontes informacionais como IBGE, Scielo e literatura cinzenta como google acadêmico. **Resultados:** Os casos de hanseníase caíram no ano de 2020 em todas as análises feitas; a incidência de caso nos sexos feminino e masculino foi próxima e incidência de casos é maior entre pessoas de 15 anos ou mais. **Conclusão:** Os casos de hanseníase caíram no Estado em 2020 devido à pandemia da COVID-19, a variável sexo não influencia na contaminação e a hanseníase está mais presente em pessoas com 15 anos ou mais no Estado. Portanto, sexo e idade não são fatores de risco para contrair a doença, entretanto, há maior incidência em indivíduos com 15 anos ou mais, devido ao longo período de incubação da doença (dois a sete anos) e, assim, indivíduos com 14 anos ou menos precisariam contrair a hanseníase antes da primeira infância para manifestá-la até a idade analisada.

Palavras-chave: *Mycobacterium Leprae*; Incidência; Fatores Socioeconômicos; Fatores de Risco; Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica e não fatal causada pelo *mycobacterium leprae*, cujas manifestações clínicas são basicamente restritas à pele, ao sistema nervoso periférico, ao trato respiratório superior, aos olhos e aos testículos (JAMESON et al., 2019).

Dessa maneira, entende-se que existem fatores de risco relacionados com a transmissão da hanseníase, a exemplo os fatores socioeconômicos, que envolvem moradia e renda. Portanto, em situação de pobreza (sem renda ou com renda per capita abaixo de R\$ 250 por mês) apresentaram um risco 40% maior em relação aos indivíduos que ganham acima de um salário e, além disso, ao analisar as regiões do país, que indivíduos residentes nas regiões Norte ou Centro-Oeste têm de 5 a 8 vezes mais chances de contrair a doença que residentes do Sul (NERY et al., 2019).

Logo, o Brasil possui em toda sua extensão uma distribuição heterogênea dos casos de hanseníase. Um estudo transversal realizado no período de julho de 2016 a junho de 2017, com a amostra de 2005 a 2015, mostrou que o ano de 2015 registrou a menor prevalência de casos

do período analisado; entretanto, apesar dessa tendência nacional de diminuição da prevalência, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram coeficiente de prevalência acima da média nacional do ano de 2015 e explicam a carga endêmica do país. Assim, no Centro-Oeste, a região com os maiores índices foi Mato Grosso, apontado como um dos responsáveis pela endemia da doença (RIBEIRO et al., 2018).

Portanto, o problema da pesquisa baseia-se em entender a distribuição de casos de hanseníase no Estado do Mato Grosso nos anos de 2018 a 2022. Dessa maneira, o resumo assume relevância pela necessidade de compreender a endemia da hanseníase no Brasil, pois essa doença persiste ainda em países subdesenvolvidos e, assim, é preciso elaborar estratégias de políticas públicas para o enfrentamento. Por fim, elucida-se que o objetivo da pesquisa é a análise dos casos de hanseníase no Mato Grosso, entendendo sua epidemiologia baseada no sexo e idade.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico, uma vez que busca compreender fatores determinantes da saúde que serão úteis para a desenvolver estratégias de controle.

Desse modo, a pesquisa foi realizada em duas etapas: primordialmente, foi buscado na base de dados DataSUS os casos totais de hanseníase, os casos no sexo masculino e feminino e os casos em indivíduos com 14 anos ou menos e em indivíduos com 15 anos ou mais. Todos os casos foram selecionados no período de 2018 a 2022 e no Estado do Mato Grosso e, desse modo, foi calculada a incidência dos casos com os dados de população do sexo feminino e masculino, população com 14 anos ou menos e com 15 anos ou mais, retirados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, foi montada uma tabela com os casos totais de hanseníase no Estado e gráficos com as respectivas incidências citadas anteriormente no software R Studio.

Posteriormente, a fim de preencher todas as lacunas da pesquisa e analisar os gráficos de incidência, foram utilizadas as fontes informacionais da Tabela 1.

Tabela 1: Fontes Informacionais utilizadas na pesquisa

<i>Período de coleta</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Tipo</i>	<i>Fonte</i>
10/06/2023 – 29/06/2023	1	Folheto	Ministério da Saúde
	2	Artigo	Scielo
	2	Artigo	Google Acadêmico
	1	Dissertação de Mestrado	Google Acadêmico
	1	E-Book	E-Book Medicina Interna de Harrison
	2	Notícia	Secretaria de Saúde e Portal G1

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A hanseníase também é conhecida como “lepra”, termo que está caindo em desuso devido ao peso discriminatório que carrega, haja vista que pessoas com a doença sofrem exclusão social pelo desconhecimento populacional acerca da condição, o que leva as pessoas acometidas a interações sociais desconfortáveis, limitando o convívio social (BRASIL, 2023). Quando se volta na história, é lembrado que indivíduos com hanseníase eram enviados aos leprosários ou excluídos, pois a enfermidade era vinculada a símbolos negativos; além do medo

constante de contagiar-se com uma doença que, na época, não possuía cura (SALES et al., 2004). Desse modo, o nome foi alterado para afastar preconceitos e, portanto, é preciso divulgar novos conceitos, inclusive que a hanseníase é curável (EIDT, 2004).

Sob esse estudo, entende-se que o Brasil ainda possui altos casos de hanseníase, sendo o Estado do Mato Grosso um dos locais em que a doença está mais presente. A história da hanseníase nesse Estado inicia cedo, no ano de 1773 a capital de Mato Grosso na época – Vila Bela da Santíssima Trindade - relata um caso de hanseníase (NASCIMENTO,2001). Assim, o Estado apresenta níveis considerados hiperendêmicos a muitos anos; em 2018, destacou-se pelo maior número de casos novos e maior taxa de detecção da doença até então e, em 2019, os casos seguiram a mesma tendência; apenas em 2020 que houve um decréscimo abrupto que, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), pode ser reflexo da pandemia da COVID-19, que trouxe dificuldade no acesso da população aos serviços de saúde (LAZARINI, 2021).

Desse modo, foi analisado os casos totais (tabela 2), de hanseníase no Estado do Mato Grosso, com os dados retirados do site DataSUS e, logo, percebe-se a grande diminuição no ano de 2020, caracterizada como reflexo da pandemia da COVID-19.

Assim, com o objetivo de analisar a epidemiologia da doença, foi calculada a incidência dos anos de 2018 a 2022 da hanseníase nos sexos feminino (Figura 1) e masculino (Figura 2) e na faixa etária até 14 anos (Figura 3) e 15 anos ou mais (Figura 4), com os dados retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) e DataSUS.

Tabela 2 – casos de hanseníase no Mato Grosso segundo ano e mês (fonte: arquivo próprio)

MESES	2018	2019	2020	2021	2022
JAN	1763	2095	2467	1487	793
FEV	1758	2256	2184	2053	1682
MAR	2269	2390	1856	2047	1699
ABR	1806	2003	836	1108	1008
MAI	2359	2218	1035	1864	1622
JUN	2528	1899	1032	1045	1248
JUL	2677	2011	1154	1767	1380
AGO	3185	2108	1471	1425	2425
SET	3275	2343	1854	1973	1908
OUT	1699	2178	1919	1387	1344
NOV	1967	1955	1733	1390	1095
DEZ	1330	1578	10601	1199	360

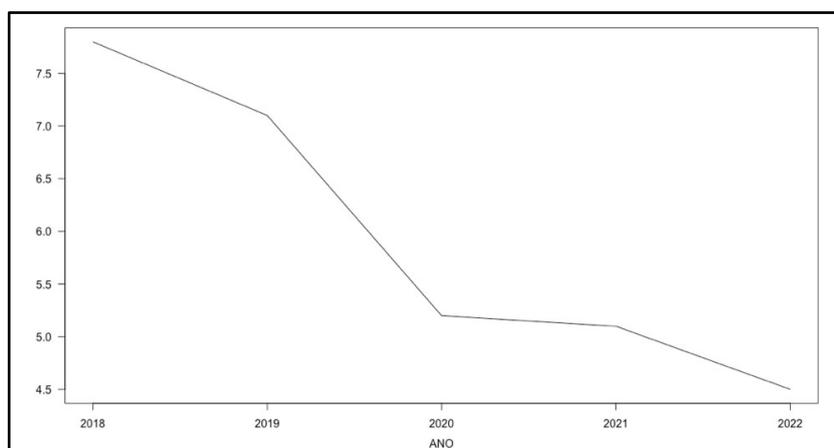


Figura 1 – Incidência de hanseníase no sexo feminino a cada 1000 habitantes (fonte: arquivo próprio)

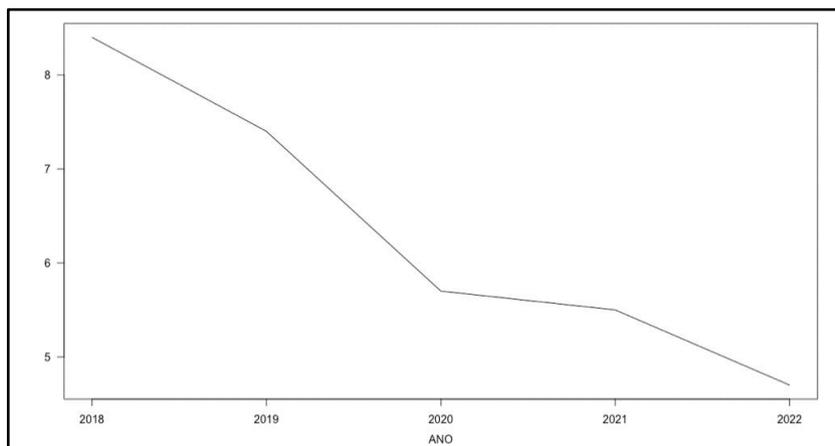


Figura 2 – Incidência de hanseníase no sexo masculino a cada 1000 habitantes (fonte: arquivo próprio)

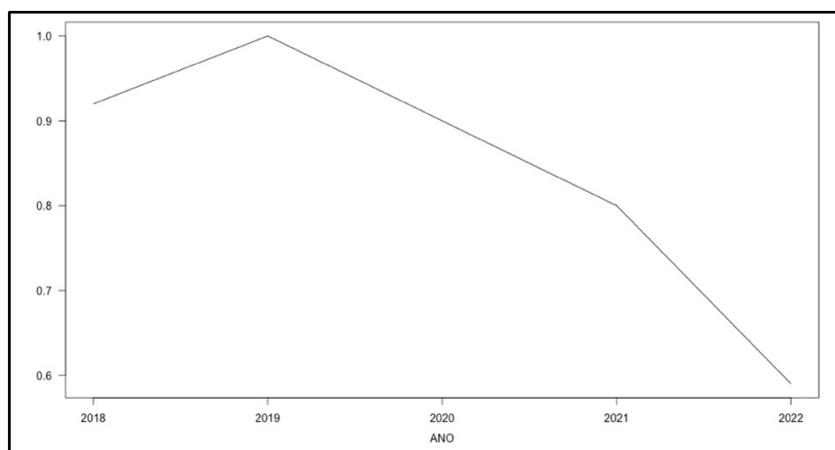


Figura 3 – Incidência de hanseníase na faixa etária de 0 a 14 anos a cada 1000 habitantes (fonte: arquivo próprio)

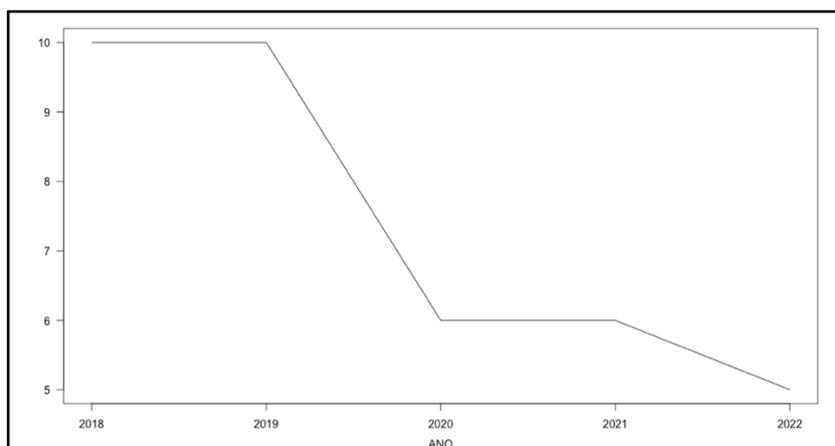


Figura 4 – Incidência de hanseníase na faixa etária de 15 anos ou mais a cada 1000 habitantes (fonte: arquivo próprio)

Ao analisar a Tabela 1, percebe-se que o total de casos nos anos de 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022 foram, respectivamente, 27.616, 25.034, 19.142, 18.745 e 16.564. Desse modo, observa-se que, de 2019 para 2020, houve uma redução de quase 6 mil casos, mostrando o impacto da pandemia. Com o distanciamento social, indivíduos deixaram de ir até as unidades

de saúde (VIEIRA, 2021) o que impactou na detecção dos novos casos e, além disso, não foi realizada busca ativa de pessoas que estão em convívio com a pessoa enferma, visto que essa não procurou atendimento para receber o diagnóstico e iniciar o tratamento.

As Figuras 1 e 2 mostraram incidência parecida no sexo feminino e masculino, haja vista que a hanseníase tem sua disseminação pelo contato pessoa para pessoa (WHITE et al., 2015) e, desse modo, o sexo não é um fator de risco para adquirir a doença.

Ademais, nas Figuras 3 e 4 analisou-se a incidência da hanseníase em duas faixas etárias. Em indivíduos de 0 a 14 anos, observa-se que, em 2019 – ano de maior pico – a cada 1000 habitantes na faixa etária analisada, 1 estava com a doença; em indivíduos de 15 anos ou mais, em 2019, 10 a cada 1000 habitantes estavam com a doença. Isso mostra que, no Mato Grosso, pessoas com mais de 15 anos são as mais afetadas pela hanseníase. Isso é explicado devido ao fato que a infecção por hanseníase, apesar de acometer pessoas de ambos os sexos e de qualquer idade, precisa de um longo período de exposição à bactéria, além do alto tempo de incubação – um período que dura em média de dois a sete anos – e, assim, indivíduos com 14 anos ou menos precisariam ter sido expostos a bactéria ainda na primeira infância (do nascimento aos 6 anos) para manifestar os sintomas da doença e, portanto, hanseníase em crianças podem sinalizar transmissão ativa da doença, especialmente entre os familiares (BRASIL, 2023).

Por fim, mostra-se relevante entender a epidemiologia da hanseníase no Estado do Mato Grosso, pois, dessa forma, será possível direcionar as políticas de enfrentamento à doença.

4 CONCLUSÃO

Pôde-se entender com a pesquisa que os casos de hanseníase no Estado do Mato Grosso obtiveram grande queda em 2020 e, entretanto, a queda ocorreu devido a pandemia da COVID-19. Além disso, com a análise dos casos baseado em sexo e idade, concluiu-se que o sexo não foi determinante epidemiológico de casos, sendo assim, ser do sexo feminino ou masculino não é fator de risco para desenvolver hanseníase no Estado do Mato Grosso. Entretanto, com relação a idade, foi observado uma incidência 10 vezes maior em indivíduos de 15 anos ou mais do que em indivíduos de 14 anos ou menos no ano de 2019 e, desse modo, apesar de idade não ser considerada um fator de risco, pessoas com maior idade contraem mais a doença devido ao período longo de incubação que a patologia apresenta.

Em suma, a pesquisa buscou compreender a queda de casos no ano de 2020 e, além disso, analisou as variáveis epidemiológicas sexo e idade, com o objetivo de compreender qual a sua influência no contágio da doença.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. (org.). **Hanseníase**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hanseniose>. Acesso em: 29 jun. 2023.

EIDT, Leticia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 76-88, ago. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902004000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nXWpzPJ5pfHMDmKZBqkSZMx/?lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2023.

JAMESON, J L.; FAUCI, Anthony S.; KASPER, Dennis L.; et al. **Medicina interna de**

Harrison - 2 volumes. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2019. E-book. ISBN 9788580556346. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580556346/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

LAZARINI, Ana. **SES avança em ações de enfrentamento à hanseníase em Mato Grosso**. 2021. Disponível em: <http://www.saude.mt.gov.br/noticia/8238>. Acesso em: 27 jun. 2023.

NASCIMENTO, Heleno Braz do. **A LEPRO EM MATO GROSSO: caminhos da segregação social e do isolamento hospitalar (1924 - 1941)**. 2001. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2001. Disponível em: <http://www.historiadahanseníase.coc.fiocruz.br/media/DissertacaoNascimento.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

NERY, Joilda Silva *et al.* Socioeconomic determinants of leprosy new case detection in the 100 Million Brazilian Cohort: a population-based linkage study. **Lancet Glob Health** 2019, [s. l], v. 7, p. 1226-1236, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2214-109X%2819%2930260-8>. Acesso em: 29 jun. 2023.

RIBEIRO, Mara Dayanne; SILVA, Jefferson Carlos; OLIVEIRA, Sabryna. Estudo epidemiológico da hanseníase no Brasil: reflexão sobre as metas de eliminação. **Revista Panamericana de Salud Pública**, [S.L.], p. 1-7, 2018. Pan American Health Organization. <http://dx.doi.org/10.26633/rpsp.2018.42>. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/34882/v42e422018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 jun. 2023

VIEIRA, Luiz. **Casos de hanseníase em MT têm queda de 40% em um ano devido à falta de diagnósticos**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/12/16/casos-de-hanseníase-em-mt-tem-queda-de-40percent-em-um-ano-devido-a-falta-de-diagnosticos.ghtml#:~:text=Os%20casos%20de%20hansen%C3%ADase%2C%20em,2.517%20novos%20casos%20no%20estado..> Acesso em: 27 jun. 2021.

WHITE, Cassandra *et al.* Leprosy in the 21st Century. **Clinical Microbiology Reviews**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 80-94, jan. 2015. American Society for Microbiology. <http://dx.doi.org/10.1128/cmr.00079-13>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4284303/>. Acesso em: 27 jun. 2023.